

LF  
327.46081  
V614  
SSH  
EX.4



CONGRESSO NACIONAL

SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM A SUAS  
MAJESTADES OS REIS DE ESPANHA,  
D. JUAN CARLOS I E D. SOFIA

Discursos pronunciados pelos Excelentíssimos  
Senhores Senador Luiz Viana Filho e  
Deputado Fernando Lyra e pelo  
Presidente do Congresso, Senador Nilo Coelho

Brasília, 17 de maio de 1983

*Discurso do Senhor  
Senador Luiz Viana Filho,  
Presidente da Comissão de Relações  
Exteriores do Senado Federal.*



Senhor Presidente do Congresso Nacional.

Senhor Presidente da Câmara dos Deputados.

Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

Senhores Embaixadores.

Senhores Ministros de Estado.

Senhores Senadores.

Senhores Deputados.

Senhores Officiais-Generais.

Senhores Presidentes dos Tribunais Superiores.

Senhor Governador do Distrito Federal.

Senhor Arcebispo de Brasília.

Sua Majestade Juan Carlos I.

Para o Congresso Nacional, expressão maior da nacionalidade, é uma honra receber Sua Majestade o Rei da Espanha. Reunir-se, porém, para acolher a visita do Rei Juan Carlos I é, mais que isso, a feliz oportunidade para expressarmos a nossa admiração por uma das grandes personalidades do nosso tempo, e na qual saudamos não somente o monarca, mas, também, o bravo soldado da democracia e da liberdade. Admiração tanto maior quanto, além de sermos orgulhosamente ibéricos, guardamos em nossa História um pouco da Espanha do período dos Felipes, que assinala a fusão das coroas de Espanha e Portugal.

Não exagero dizendo que, territorialmente, nada mais importante para o Brasil do que haveremos podido apagar a fictícia linha de Tordesilhas, e abrir caminhos pelos quais as bandeiras paulistas mudaram as fronteiras do Continente: foi a extraordinária marcha para o Oeste, que, numa expansão sem precedentes, traçou a atual configuração do Brasil. E se a podemos realizar pacificamente, preparando os marcos consolidados pelo Tratado de 1750, devemos-lo ao período filipino, que, embora breve e passageiro, imprimiu marcas indeléveis em nossa vida.

Apesar das diferenças jamais desaparecidas entre as duas nações peninsulares, de tal modo se projetou no solo do Novo Mundo à época dos três Felipes, que o ilustre historiador brasileiro, Alfredo Elis Júnior, chegou a afirmar que durante o domínio filipino “não houve fronteiras nas Américas lusa e espanhola”. Idéia esta repetida por Hélio Viana para quem, “enquanto muitos espanhóis se estabeleciam em povoações brasileiras, o que antes lhes era defeso, por seu lado muitos luso-brasileiros, em entradas e bandeiras, também penetravam em regiões anteriormente atribuídas à Espanha”. Coincidiu esse momento de recíprocas facilidades com aquele em que a Espanha se voltara preferentemente para as cobiçadas riquezas do Peru, permitindo caminhássemos desembaraçadamente na pobre imensidade da Amazônia. Expandimo-nos, assim, entre a generosa riqueza de Felipe II, em cujas terras o sol nunca desaparecia, e a insaciável ambição territorial dos bandeirantes. A propósito de Raposo Tavares, talvez o mais impetuoso dos nossos sertanistas, escreveu Jaime Cortezão que havendo a Espanha pensado, em 1610, criar nova governação nos territórios do Prata, abrangendo a província de Guaíra, o Vice-Rei do Peru, Marquês de Montes Claros, consultado, respondeu que “se pudiera meter en esta Governação

cion nueva la Vila de San Pablo". Ao que acrescentou com prudente conhecimento de causa:

“Pero nada es tan dificultoso de emprender como quitar un torron de tierra de la Corona de Portugal...”

Bem se compreende, portanto, a nossa dívida para com a Espanha, que, não opondo embargos aos caminhos naturais da geografia, permitiu aos paulistas a tranqüila ocupação, base do *uti possidetis*, que, mais do que os territórios, nos tem assegurado a paz com toda a América Espanhola.

Igual à dívida pela composição do nosso mapa, é a que nos advém da cultura espanhola, aqui presente desde a Colônia. Observa Alcântara Machado, no seu famoso estudo retrazendo a *Vida e Morte dos Bandeirantes*, que entre os velhos papéis cartoriais das bandeiras do século XVII, encontra-se um exemplar das *Novelas Exemplares*, e duas oitavas camonianas. Prova de que Cervantes e Camões acompanharam os destemidos conquistadores, cujas jornadas amenizaram com as suas histórias e os seus cantos. Às armas dos guerreiros uniam-se as flores da literatura. Fato, aliás, em nada surpreendente, de tal modo intensa a comunicação entre as duas línguas que bem poucos escritores de então não maneжaram indistintamente o espanhol e o português. Camões, por exemplo, versejou em espanhol, do mesmo modo que Cervantes usou o português. Gil Vicente, dos grandes autores renascentistas da península, escreveu em espanhol mais de metade da sua produção dramática. E assim foram Quevedo, Sá de Miranda e Góngora.

Mas, já que falamos em Quevedo, impossível esquecer haver sido ele quem primeiro nos ensinou a língua da liberdade. Realmente, foi o seu gênio que nos deu o

molde da sátira de que se valeram poetas e pregadores para criticarem costumes e autoridades, no período colonial. Exemplo típico desses poetas de formação quevediana é Gregório de Matos, o *Boca do Inferno*, que, com a implacável fala quevediana, desmoralizou preconceitos e governadores, revelando-lhes as fraquezas, os ridículos e os pecados. Do mesmo modo, o padre Antônio Vieira, despejando dos púlpitos os seus repetidos apólogos, nada mais fez que atravessar o Atlântico com as lições de Quevedo, o primeiro a nos ensinar uma linguagem que, usada pelos poetas, seria a voz primitiva da liberdade do Novo Mundo.

E que dizer de Cervantes com o seu Quixote, “perpétua fusão da ilusão e da realidade”? San Thiago Dantas, espírito dos mais lúcidos, afirmou não hesitar em afirmar que, “sem o Quixote, o espírito ocidental, especialmente o ibérico e ibero-americano, teria tido outros caminhos”. E Francisco Campos, erudito estadista brasileiro, assim conclui um estudo sobre a “Atualidade de D. Quixote: “Este nosso mundo de hoje, que é como Sancho abandonado por seu amo, reclama a volta de D. Quixote, por sentir que sem ele a sua vida não teria sentido. . . o que o homem dos nossos dias pede e reclama, o que ansiosamente espera é o retorno de D. Quixote”. Que dizer de mais eloqüente sobre a eterna presença de Cervantes?

Mais significativo na história de nossas relações é que o tempo, com as mutações e transformações que lhe são inerentes, jamais colocou uma leve sombra na recíproca estima entre o povo brasileiro e o povo espanhol, que aqui encontra a cordial acolhida para se integrar em nossas comunidades, com elas colaborando para a prosperidade comum. Por certo não passou despercebido a Vossa Majestade, ao pisar o chão da Bahia, que ainda

lembra D. Fradique de Toledo Osório expulsando o invasor, a perfeita identidade entre a laboriosa colônia espanhola, das maiores do Brasil, e as suas realizações destinadas a promover o bem comum.

Se falei do glorioso passado da Espanha e da pujança da sua cultura, foi justamente para ressaltar o seu presente e o seu futuro. Faço-o atento àquele conceito de Unamuno que dizia “ser o presente um esforço do passado para se tornar futuro”. Graças a incomum coincidência, somos contemporâneos, não só da atual, mas de três Espanhas distintas cada uma delas com as suas peculiaridades, todas elas desaguando no extraordinário estuário da grande Espanha de hoje, na qual, sob o cetro de Vossa Majestade, e dentro de sólida e vigorosa unidade da nação espanhola, emergem o progresso ao lado da ordem, a paz fundada na segurança e a esperança defaldada pela liberdade. Razão teve Vossa Majestade quando, ao falar perante as Cortes e o Conselho do Reino, em novembro de 1975, afirmou que naquele dia começava uma nova era na história da Espanha. Realmente, assim foi. E a Espanha que surgiu com Vossa Majestade como que nos lembra aquelas palavras de Ortega y Gasset, o grande pensador político, para quem o liberalismo é a suprema generosidade — “é o direito que a maioria outorga à minoria, e é, portanto, o mais nobre grito que soou no planeta”. E esse grito ressoa hoje pelas terras da Espanha.

Volvida quase uma década, quando as palavras deixam de ser apenas aspiração ou ideal, a era nova da qual foi Vossa Majestade o anunciador aí está como uma das mais esplêndidas realidades do nosso século, pois representa a conquista da estabilidade política dentro da livre multiplicidade das opiniões. Voltado para um passado grandioso, que deu à Espanha a unidade, a paz

e a grandeza, desejou Vossa Majestade poder agir como um moderador, guarda do sistema constitucional e promotor de justiça. Sabemos quanto era árdua e difícil a nobre missão a que Vossa Majestade se propunha. E realmente muitos espinhos e muitas pedras se colocaram no seu caminho. Mas, prova de que o destino escolheu o homem certo para a extraordinária renovação política da Espanha, tudo foi vencido graças à energia, à coragem, à determinação e à fé nos ideais do povo espanhol, características da personalidade de Vossa Majestade. Diz-se haver sido Vossa Majestade educado para ser Rei — ninguém, no entanto, é educado para ser líder, pois para este se exigem virtudes vindas do berço. E Vossa Majestade se tornou não apenas o Rei, mas o grande Líder de uma grande Espanha. Felizes aqueles aos quais é dado, de século em século, a oportunidade de aprimorar o curso da História para o bem do povo e a grandeza da Pátria. E disso pode Vossa Majestade se orgulhar, pois graças ao realizado em breve período Vossa Majestade não é apenas o moderador que desejou ser, mas o árbitro querido e admirado dos destinos do povo espanhol.

Discreta e obstinadamente semeou: e a messe bendita aí está. Foi Vossa Majestade o tranqüilo artífice ao qual se deveu unirem-se em torno da Coroa forças até bem pouco infensas à monarquia. Conquistada a confiança da nação foi Vossa Majestade o fiador do Pacto de Moncloa, base da reconciliação do povo espanhol, num passo corajoso e definitivo para a democracia.

Num mundo tão conturbado como o em que vivemos, o exemplo da Espanha, sobrepondo-se a dificuldades políticas, econômicas e sociais, para implantar um regime livre e democrático, constitui uma luz para todos nós. É admirável a esperança plantada no coração dos espanhóis, sepultando preconceitos e temores vindos do

passado, para que todos, sem qualquer distinção, se dêem as mãos, conciliados em torno dos mais altos ideais da Pátria.

Permita Vossa Majestade que diga quanto nos sensibilizaram estas palavras dirigidas aos brasileiros: "A Espanha quer participar e conviver convosco dia a dia, pois somos um vínculo perene, profundo e vital entre a Europa e a América". E nós aqui estamos para, na medida que nos for possível, fazê-lo dia a dia mais vigoroso.

Não concluirei sem dizer quanto somos reconhecidos a Vossa Majestade por haver, à honra que ora nos faz, acrescido a gentil e delicada presença de Sua Majestade a Rainha Sofia, a quem pedimos vênias para apresentar as homenagens de admiração e os sinceros votos por um longo e venturoso reinado ao lado de Vossa Majestade.

E a Vossa Majestade, que tão bem representa a Espanha na grandeza da sua História e do seu futuro, a saudação respeitosa e fraterna do povo brasileiro.



*Discurso do Senhor  
Deputado Fernando Lyra,  
Primeiro-Secretário da Câmara  
dos Deputados*



Se é grande a honra de saudar ao Rei Juan Carlos I, da Espanha, lhes asseguro que muito maior é a honra e o prazer de saudar a um grande estadista e democrata, o Rei Juan Carlos I, da Espanha.

Mais do que a um democrata, é a um exemplo, que tenho a honra de saudar, em nome dos meus companheiros Deputados, em nome da Câmara, em nome de milhões de democratas brasileiros que olham com simpatia, compreensão e respeito a este grande estadista que sem hesitação, sem transigências, sem dúvidas, levou o seu povo a saltar uma etapa histórica, e maduramente entrar em uma nova era de liberdade.

Majestade, nós desta Câmara dos Deputados, nós de todos os rincões deste País, transmitimo-vos nossos mais sinceros respeitos e nossos agradecimentos por vossa visita.

E isto nós o fazemos porque conhecemos a história de vosso povo, a história de vossa nação e muito especialmente, e com um enorme respeito, conhecemos a vossa história pessoal, o vosso papel fundamental nos destinos de vosso povo. Conhecemos o vosso exemplo em todo o cenário da história da Europa e da história mundial neste final de século.

Majestade, a Espanha não nos chega agora. Ela nos chegou muito antes, há quase exatamente 500 anos, através de um outro "Navegante", Cristóvão Colombo. Desde então, nosso relacionamento com a Península Ibérica tem sido constante.

Somos a parte além-mar da Península Ibérica. Uma nova e grande Península que teve a audácia de buscar a independência, teve a ousadia de manter a irmandade com as antigas metrópoles e hoje tem o bom senso de procurar aprender outra vez as lições que vêm de além-mar, do Portugal dos Cravos e da Espanha da Coroa.

Durante 400 anos mantivemos uma relação que nos permitiu assimilar a religião, o valor dos bravos heróis ibéricos, os conquistadores e os bandeirantes, a educação, a alegria, o amor e as boas coisas da natureza e da cultura popular.

Como continuador da obra dos grandes reis, temos que agradecer a Vossa Majestade o estar presente como encarnação simbólica de um povo e de uma nação. Estar presente historicamente, sem descontinuidade, e estar presente aqui e agora no momento histórico em que vivemos.

Majestade, a experiência espanhola dada pelo processo liderado com sabedoria, legitimidade, continuidade, respeito, patriotismo e, sobretudo, estadismo, é uma lição que vossa presença aqui nos faz lembrar com toda atenção.

Todo o povo brasileiro observa o que pode ser feito por um chefe de Estado que é capaz de transmitir ao seu povo, à sua nação, a confiança na sua palavra, nas suas intenções. Vossa Majestade conseguiu realizar um salto que os espanhóis vivem e se orgulham, e que nós, na América Latina, olhamos com admiração e esperança.

Mas isto não ocorreu por acaso. Não foi sem providências e ações muito claras, não foi sem um ordenamento precisamente traçado e respeitado.

Senhores, há datas e frases na história de cada povo que são inesquecíveis. Que as gerações contemporâneas se lembrem do exato momento e do lugar onde as escutaram, e as gerações futuras aprenderão nas escolas e repetirão com orgulho. Aqui no Brasil, Majestade, todos lembramos o dia e a hora em que D. Pedro I gritou-nos "Independência ou Morte!" Na Espanha as gerações futuras lembrarão o dia em que, aos poucos minutos de assumir a chefatura do Estado, Vossa Majestade conseguiu unir os dois lados de uma nação separada pelo abismo da guerra civil, partida por 30 anos e reunida pelo brado destemido de "Soy el Rey de todos los españoles".

E, como disse Cervantes: "Y era la verdad que por él caminaba."

Mas era apenas o começo, o primeiro passo de um longo caminho. Um caminho árduo, difícil, inacreditavelmente difícil, que só foi possível seguir graças ao fato de impor a confiança de que o percurso seria cumprido. De que não haveria transigência além do caminho traçado, e, sobretudo, graças à decisão de chamar o povo para percorrer ele próprio o seu caminho, com dois plebiscitos e duas eleições, em um prazo de apenas 2 anos. Decidindo, o próprio povo, a nova ordenação política; criando seus Partidos, livremente, sem amarras nem preconceitos; legalizando todos os Partidos; elegendo os membros de sua constituinte e aprovando-a, diretamente, em plebiscito; definindo, com confiança, o marco legal do futuro nacional.

Esta confiança e participação foi a pedra de base de todo o processo. E teria sido impossível percorrer o longo caminho que a Espanha percorreu se não houvesse essa confiança; mas seria igualmente impossível ter essa confiança se o Estado espanhol tivesse transigido,

se tivesse demonstrado debilidade nas intenções pronunciadas, menosprezo à lucidez do seu próprio povo, livre e soberano; se mostrasse qualquer diferença entre palavras e atos; se mostrasse partidarismo onde necessário se fazia um estadista; preconceito, onde necessário se fazia um juiz. E Vossa Majestade foi o Estadista e o Juiz. O Avalista diante do povo. Avalista de Espanha diante da Espanha.

Mas, a credibilidade não se obtém por milagre. Não fosse a legitimidade existente e reconfirmada no comportamento, impossível seria o caminho. Vossa Majestade chegou com a legitimidade natural que por tradição histórica nas monarquias é dada a imperadores e reis, da mesma forma que nos regimes latino-americanos as legitimidades têm sido dadas tradicionalmente através das eleições diretas para Presidente. Em uma legitimidade própria, e confirmada no dia-a-dia da prática de representante do Estado e não do Governo, criou-se a confiança; e através destes dois pilares houve a transição e constituiu-se a Democracia Real Espanhola.

Majestade, estes dois únicos fatos seriam suficientes para colocá-lo entre as maiores figuras da história do século XX. Mas todos sabemos das dificuldades que atravessou a Espanha e isto não seria possível sem uma marcante ação de estadista.

Estadista no sentido de ter o sentimento mais profundo da nacionalidade, de ter a consciência da história inteira do seu povo e de sua nação, de saber distinguir as motivações pessoais dos interesses nacionais, de saber distinguir os desejos íntimos do homem das aspirações do povo em cada momento.

O estadismo do sentido do momento histórico.

Em cada momento estamos entre o já muito tarde e o ainda demasiado cedo. Nossas sociedades, desacostumadas a compor no livre jogo da democracia, se dividem entre os que querem saltar etapas e os que querem impedir o progresso social e político. Os que temem ousar e sonhar e os que ousam confundir como real aquilo que ainda é apenas um sonho. O líder, porém, o líder estadista, com seu sentimento político, compreende a real dimensão do viável. Sente o possível da composição das forças que se opõem dentro da mesma sociedade.

Não estancar e nunca se precipitar, é o desafio dos graves momentos de transição.

Desafio que no caso da Espanha foi enfrentado com a perfeição da coragem, da lucidez, da imaginação. Havia os apressados e muitos eram os que não queriam caminhar; havia os que queriam, sob a força, unir cada parte, e os que, sob a força, queriam partir o país. Havia os que queriam ampliar a parcela de lucros e os que lutavam para melhorar os salários. Eram quase 40 milhões de intenções a compor. E a composição foi possível. Foi viabilizada por um diálogo leal, por um pacto firmado através do encontro de Moncloa. Nome que é um exemplo aos demais países que enfrentam momentos de transição. Um exemplo de que é falso esconder a existência do real que se manifesta na luta entre classes de uma mesma nação. Um exemplo de que por trás desta luta real há a enorme realidade do conjunto de toda a nação.

Além, muito além dos conflitos está a comunhão de interesses. Que não são constantes, que são mutáveis, mas que apesar disto existem, ainda assim. O papel do estadista é criar as condições para que estes interesses sejam descobertos e o pacto seja firmado. Não se trata de esconder a realidade da luta de classes, mas

sim de descobrir a outra parcela do real que corresponde aos pontos comuns.

E a Espanha sob vossa liderança soube fazer tudo isto graças à definição clara das regras do jogo; regras aceitas por todos, regras que permitiam a cada indivíduo participar do mesmo jogo; regras que se definiam pelos próprios agentes; regras que não buscavam definir vencedores *a priori*. Norma maior de que, fosse qual fosse o resultado, ele seria respeitado. Vossa Majestade foi o árbitro que assegurou todo o processo.

Pela sensibilidade e força moral do estadismo, foi possível a Vossa Majestade cumprir, liderando, mas junto a todos, com fé, sem transigência, com a coragem de crer na lucidez do povo para guiar seu próprio destino, foi possível cumprir o cronograma do percurso entre junho de 1976 e outubro de 1982. A posse do primeiro governo eleito e a anistia; a lei de reforma política e o primeiro plebiscito; a legalização de todos os Partidos, sem medo nem exclusão; a eleição livre de uma constituinte soberana; o consenso somado em nome da nação; o novo plebiscito onde o povo ratificou sua Constituição; o pacto entre os sindicatos e os Partidos e, finalmente, as duas eleições gerais que culminaram com a posse de um governo socialista, provando que o jogo democrático é participação, sem exclusão, de todas as forças, e que aceita como natural a alternância do poder entre os Partidos, como um fato real e concreto na democracia.

Um cronograma difícil, mas um percurso traçado sob a paz do estadista que confia e é confiado, do Monarca legítimo e que se legitima cada dia mais na ação de ser o Monarca, de cumprir os seus pensamentos "Mi pulso no templaré" e "Soy el Rey de todos los españoles", fazendo verdade e história, no outro lado do mar,

daquilo que aqui ainda é apenas um sonho do poeta que diz:

“Se a esperança varresse o medo,  
E as palavras fossem cumpridas,  
Se a poesia não fosse um sonho,  
E a história fosse nossa história.”

Vossa Majestade uniu o povo e o fez varrer com o medo; construiu a esperança e está, como nenhum chefe de Estado atual, fazendo a história própria de seu povo. É por isto, pelo exemplo, pela fé, pela confiabilidade, legitimidade e estadismo, que nós agradecemos a Vossa Majestade ter vindo.



*Saudação do Senhor  
Senador Nilo Coêlho,  
Presidente do Senado Federal e do  
Congresso Nacional.*



Ao receber no Congresso Nacional Vossas Majestades, o Rei e a Rainha da Espanha, estamos realmente acolhendo a própria Espanha sintetizada no que a nação tem de melhor para ostentar como exemplos humanos da atualidade. Hoje é um dia de extraordinária singularidade na história do Parlamento brasileiro. O Brasil saúda Juan Carlos I, o Rei Liberal, e presta reverência à Rainha Sofia, com toda alegria da família brasileira.

Recebemos neste recinto da nacionalidade o Chefe de Estado de uma nação a quem estamos ligados pelo sangue e pelo espírito, por profundos vínculos históricos e culturais, uma nação que nos legou traços marcantes e significativos em nossa feição nacional.

Foi Vossa Majestade, em suas próprias palavras, quem melhor definiu os laços que nos ligam no presente à nossa origem remota e ao destino futuro dos povos ibero-americanos:

“Somos um vínculo perene, profundo e vital entre a Europa e América.”

“O Brasil e a Espanha têm como patrimônio comum a realidade cultural herdada de sua latinidade, de seu iberismo.”

As duas Casas do Congresso — Câmara e Senado — estão honradas com a presença de um homem que faz, realmente, a História Contemporânea mais ativa e dignificante, dentro da autonomia candente da política interna e externa dos países.

Exaltamos hoje o estadista visitante, exemplo ao mundo de um Monarca conciliando com sabedoria, como chefe de Estado, símbolo da sua unidade e permanência, com seu poder de árbitro moderador, a garantia de funcionamento regular das instituições políticas e o respeito à soberania da vontade popular expressa pelo sufrágio universal do voto livre.

Quantas nações serão tão históricas no mundo quanto a Espanha das primeiras colonizações, mesmo a Espanha romana, a visigótica e a muçulmana. A Espanha quando da chegada da Reconquista e do período dos Descobrimentos dos séculos XVI e XVII, a Espanha dos Bourbons e dos tempos da era contemporânea até 1969, grande marco, quando foi aprovada a lei que fez Dom Juan Carlos de Borbon y Borbon — Príncipe da Espanha — seu futuro Rei em 1975.

A alma brasileira é um tanto espanhola, não apenas porque em nossas fronteiras reside um grande contingente populacional vindo da Espanha, não somente porque durante 80 anos fomos um Brasil espanhol, a alma brasileira é um tanto espanhola também porque o povo brasileiro, em suas origens mais remotas e nativas, foi evangelizado pelo grande missionário José de Anchieta, tão grande quanto a obra jesuítica no Brasil. Quando a Igreja o elevar aos altares da canonização ele será, ao mesmo tempo, um santo brasileiro e espanhol.

A alma cultural brasileira recita a poesia mística de Santa Tereza de Ávila e de São João da Cruz.

Que país tão profundamente literário, de atitude aberta aos horizontes do espírito e da cultura quanto a Espanha do *Poema do Cid* — do século XII, que projetou a coragem hispânica através da epopéia anônima

do grande comandante que vence, mesmo morto, a última batalha.

Espanha de Cervantes, do Renascimento, que renovou a literatura com Don Quixote de la Mancha. Espanha de Azorin, de Miguel Unamuno, de Antonio Machado, de Pio Baroja e de Vicente Alexandre. De Frederico Garcia Lorca, Ortega y Gasset, de Ramón Menéndes Pidal e Madariaga. Que país será mais visual do que a Espanha de El Greco, de Velasquez, do Goya, de Picasso, de Miró, de Juan Gris e de Salvador Dalí.

A vossa visita nos dá a emoção gratificante do retorno às origens, aquele sentimento que, como pessoas, temos na maturidade quando respiramos o ar e pisamos o solo que nos acalentaram os sonhos da infância.

O Brasil saúda no Rei Juan Carlos a lucidez que, compartilhada com o então Primeiro-Ministro Adolfo Suarez, mostrou ao mundo a sensatez política do amadurecimento que propiciou o reingresso da Espanha no território estimulante da Democracia, em 1976.

Estas duas Casas do Congresso, aqui reunidas, querem prestar o tributo do respeito ao grande Monarca, que não se fechou em absolutismos, inspirado talvez por outro Rei, igualmente importante para a Espanha, Fernando, o Católico, que começou o processo da unidade espanhola que hoje tem em Castela o seu pólo de integração.

A Espanha de Dom Miguel de Unamuno faz parte da nossa cultura e das nossas circunstâncias.

Diante de Vossa Majestade queremos evocar, como o fez Ortega y Gasset, o quadro *Homem com mão no peito*, vendo na obra de El Greco o símbolo romântico de uma figura com o coração incandescente.

Vossa Majestade é um pouco esse homem espanhol, espanhol e universal, aureolado pelo profundo sentimento humano de inquietação e também de esperança.

Por tudo que Vossa Majestade tem feito pelo progresso e pela paz social na Península Ibérica e na América Latina, pelo extraordinário exemplo de homem público e guardião da soberania da vontade popular, pelo político de grande sabedoria e competência, eu vos saúdo em nome do Parlamento brasileiro e vos concedo, expressando a unanimidade do Conselho da Ordem do Congresso Nacional, que aprovou vosso nome em caráter excepcional, o *Grande Colar da Ordem*.

Receba Vossa Majestade, como símbolo da mais alta distinção que lhe poderia prestar o Congresso Nacional, esta insígnia, que traduz nossa homenagem suprema ao homem, ao estadista e ao regente dos destinos do povo espanhol, com quem nos identificamos, pela origem, pela cultura e pelo sentimento democrático.

Deus guarde e proteja o Rei Juan Carlos I e a Rainha D. Sofia.